OS PRESIDENTES DO INSTITUTO DO CEARÁ (I)

João Hipólito Campos de Oliveira

A década de 80 do século passado, no Ceará, como registram os seus estudiosos, ficou assinalada, na História da nossa Cultura, por grandes realizações nesse setor. Assim é que, no seu decurso, houve a instalação, em Fortaleza, da Escola Normal, em 22 de março de 1884, a libertação total dos escravos no Ceará, em 25 de março de 1884, quatro anos antes de todo o Brasil, e a fundação, na Capital, do Instituto do Ceará, já nos seus últimos quartéis, ou seja, a 4 de março de 1887, encerrando-se o decênio com a proclamação da República, fato que ocorreu dois anos e meio após a instalação desta casa. Os dez anos anteriores e posteriores, por seu turno, foram de não menos intensas atividades culturais no Ceará. De 70, logo no seu início, a 17 de julho, é a Fenix Estudantil, que foi a primeira sociedade literária do Estado, na opinião abalizada de nosso consócio Dolor Barreira, e que daria, em seguida, na Academia Francesa, na qual pontificaram consagrados valores, como Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Thomás Pompeu e vários outros. De 90, são a Padaria Espiritual, de 30 de maio de 1894, e a Academia Cearense de Letras, de 15 de agosto de 1894, que antecedeu à Academia Brasileira de Letras, esta de 1896, e a Escola Militar, para citar apenas os fatos principais.

No ano da criação do Instituto do Ceará, cujo nonagésimo aniversário de fundação agora se está comemorando, o Ceará tinha 870.000 habitantes e Fortaleza 27.000, segundo cálculos feitos pelo Dr. José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, publicados em sua Corografia da Província do Ceará.

A província era governada, na ocasião, pelo Dr. Enéas de Araújo Torreão, rio-grandense-do-norte, seu 51o. presidente, depois membro do

Tribunal de Relação do Ceará, a esse tempo já instalado, o que se deu em 3 de fevereiro de 1875. Em 21 de abril de 1887, o presidente e os dois secretários da novel associação dirigiram-se ao chefe do governo, solicitando a cessão de um compartimento que indicavam para a realização de suas sessões. O Presidente da Província atendeu prontamente à solicitação, pondo à disposição deste sodalício, para seu funcionamento, o lado oriental da Biblioteca Pública, antigo Teatro Concórdia, o primeiro que existiu em Fortaleza.

O bispado cearense era dignificado por D. Joaquim José Vieira, que costumava prestigiar as realizações intelectuais de seus diocesanos. Se essas duas autoridades, as mais altas da província, não compareceram ao ato inaugural do Instituto, sem noticiário da imprensa provinciana e provincial daquele tempo, "O Cearense", "D. Pedro II" e "A Constituição", conforme consulta que fizemos para esse fim, foi porque a reunião teve caráter muito íntimo, apenas com a presença de seus 12 sócios fundadores.

No ano seguinte, estiveram presentes ou se fizeram representar na primeira sessão pública, realizada em 15 de abril de 1888, da recém-inaugurada associação. Tratava-se da homenagem póstuma que ela prestava, por ocasião do 30o. dia do falecimento, àquele que foi, no sentido dizer de Paulino Nogueira, "desaventuradamente o 1o. que caiu para nunca mais se levantar", no caso do Dr. José Sombra, que teve como sucessor o Dr. Thomás Pompeu.

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

A primeira presidência do Instituto do Ceará coube a Paulino Nogueira Borges da Fonseca, que a ocupou por 21 anos, desde 1887 até 1908, quando faleceu no dia 15 de junho. Esse acontecimento está sssim descrito pelo autor do seu necrológio, publicado na revista do Instituto de 1908, o Dr. João Batista Perdigão de Oliveira: "Nós, os seus companheiros do Instituto do Ceará, encontramos nele, além do amigo bom e leal, um consócio que, na diuturnidade dos trabalhos e da convivência, onde às vezes inesperadamente se dão atritos, provocados por desconfianças que, infelizmente e não raro, ocasionaram malquerenças, quiçá inimizades, nunca, em um instante sequer, nos ofereceu senão motivos de maior confiança, conquistando assim, robustecendo, direi melhor, cada vez mais, o nosso

respeito, a nossa amizade e veneração desde 4 de março de 1887 até 15 de junho último, quando expirou, por conseqüência, por mais de 21 longos anos, a tantos ascende a nossa labuta na modesta organização que ele tanto amou como seu presidente, que sempre o foi, mui merecidamente, dando eficiente exemplo de dedicação e amor ao trabalho".

Paulino Nogueira, nascido em Fortaleza a 25 de fevereiro de 1842, formou-se em Direito em 1865, pela Faculdade do Recife, militou na política, ora exercendo cargos de eleição ora de confiança, foi Vice-Presidente da antiga Província, exerceu funções de magistério, como professor do Liceu, e na magistratura, sendo nomeado, na República, a instâncias de amigos, Desembargador do Tribunal de Relação do Estado, no desempenho das quais veio a falecer aos 66 anos de idade.

Sua bibliografia é numerosa qualitativa e quantitativamente, cumprindo citar as seguintes obras de sua lavra: "Execução de Pinto Madeira perante a História", "Vocabulário Indígena em uso no Ceará, com explicações etimológicas, ortográficas, topográficas, históricas e terapêuticas etc . . .", "Vida de Antonio Rodrigues Ferreira", "Presidente do Ceará no 1o. Reinado", "Período Regencial, 2o. Reinado", "Execuções de pena de morte no Ceará", "Relação dos Cearenses Titulares Condecorados", além de outras da maior importância, também publicadas na Revista do Instituto.

A escolha de Paulino Nogueira à primeira presidência do Instituto não se deveu à sua idade, pois mais idosos do que ele, com 45 anos, eram Juvenal Galeno e Joaquim Catunda, já cinqüentões, e sim aos seus reconhecidos méritos pessoais. Por força dos primitivos estatutos, arts. 1o., 2o. e 4o., os diretores eleitos gozavam de estabilidade, pelo que Paulino Nogueira passou os 21 anos restantes de sua vida como presidente do Instituto, tendo sido igualmente vitalício o seu sucessor, após o que foi modificado aquele dispositivo estatutário.

(Correio do Ceará, 26 de fevereiro de 1977)

OS PRESIDENTES DO INSTITUTO DO CEARÁ (II)

João Hipólito Campos de Oliveira

O Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, que foi o 2o. presidente e o último vitalício, permaneceu, na presidência, da mesma maneira que seus antecessores Dr. Paulino Nogueira, 21 anos, os quais, somados aos 19 anteriores, lhe dão de vida funcional 40 anos. No quadro social, como já dissemos, foi o primeiro a substituir um sócio-fundador falecido, o Dr. José Sombra, cuja passagem por este Instituto foi das mais rápidas pois pouco excedeu de um ano, falecido que foi em 16 de março de 1888. A segunda presidência, destarte, não competiu a um dos doze sócios fundadores, o que, à primeira vista, pode parecer estranho, não fora o grande prestígio que desfrutava, entre os seus pares o Dr. Thomaz Pompeu, já identificado com eles na direção ao Instituto, eleito vitaliciamente, como determinavam os estatutos, foi presidente até sua morte em 6 de abril de 1929, aos 77 anos de idade, dos quais mais da metade foi dedicada a esta associação.

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, nascido em 30 de junho de 1852 em Fortaleza e formado em Direto pela Faculdade de Recife, foi professor e diretor da nossa Salamanca. Como seu predecessor, apresenta uma bibliografia das mais vastas, em que figuram discursos, relatórios, memórias, monografias, muitos dos quais foram publicados na revista do Instituto e da Academia Cearense de Letras, da qual fez parte e foi também presidente. Constam de suas obras: "Lições de Geografia Geral", "O Ceará no começo do século XX", "José Martiniano de Alencar — o homem e o homem de letras".

3o. PRESIDENTE

Após a morte de Thomaz Pompeu, a curul presidencial ficou com um sócio fundador, Barão de Studart, que contava 40 anos de atividades

sociais na casa em que, mais do que um nome, era um nume. Não obstante ter exercido por apenas 9 anos a presidência, esta foi muito profícua, merecendo destaque todo especial a comemoração, de 1937, do cinqüentenário da Instituição. Quando da reforma dos Estatutos, em 1929, os diretores perderam a vitaliciedade, mas todos os associados foram unânimes, com a ascensão do Barão de Studart à direção da casa, em conferir-lhe o título de Grande Benemérito e considerá-lo Presidente Perpétuo. Na presidência do Barão de Studart, o número de sócios foi ampliado de mais quatro membros, passando a ser de 18. A atuação do Barão de Studart, como fundador, como presidente e, mais do que isso, como nume tutelar, é conhecida de todos nós. Tendo sido o mais jovem dos sócios fundadores, pois tinha, em 1887, 31 anos de idade, nascido que fora em 1856, é ainda hoje o sócio de maior longevidade social: 51 de labor no Instituto. Mais de meio século, dentre os 82 de sua existência inteiramente consagrados ao Instituto, num afã que merece o reconhecimento de nosso povo. Bateu também, de acordo com as precisas e preciosas anotações de Eusébio de Sousa, o recorde das associações científicas, pois muito lhe honra ser incluído, até 1937, em sociedades de letras. É notável — o mais opulento de todos nesta casa — o seu "curriculum vitae", que compreende desde sua tese em medicina, escrita em 1877, quando se formou pela Faculdade da Bahia — fato que este ano tem o seu centenário — e em que versou um tema novo como a Eletroterapia, até os seus trabalhos de pesquisador. Na sua valiosa estante neste Instituto, enfileiram-se cerca de 150 obras de sua autoria, em que se destacam "Gramática Inglesa", o "Esboço da origem e desenvolvimento histórico da língua inglesa", sabido que ele foi professor de inglês dos mais competentes, "Notas para a história do Ceará", "Datas e fatos para a história do Ceará", "Geografia do Ceará", "Para a história do jornalismo cearense", "Dicionário bibliográfico do Ceará", atualmente raridades bibliográficas.

O Barão de Studart dirigiu os destinos do Instituto de 1929 a 1938, quando faleceu em 25 de setembro, e, embora por 9 anos, período pequeno em relação ao dos seus antecessores, ambos de 21 anos, o engrandeceu com notáveis realizações. Foi o primeiro Vice-Cônsul Britânico no Ceará, presidente do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo, tendo sido, por Breve do Papa Leão XIII de 22 de janeiro de 1900, agraciado com o título de Barão de Studart, por indicação de D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará.

Com a morte do Barão de Studart, inegavelmente o seu maior vulto, tanto que a Casa, hoje, está indelevelmente associada à sua imagem, quando se pensava na impossibilidade de sua substituição, eis que esta se dá na pessoa do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, que se revelou legítimo continuador não apenas da tradição da família, mas do conceito da Instituição.

(CORREIO DO CEARÁ, de 28 de fevereiro de 1977)

OS PRESIDENTES DO INSTITUTO DO CEARÁ (III)

João Hipólito Campos de Oliveira

O Dr. Pompeu Sobrinho foi presidente do Instituto de 1938 até 1967, pelo espaço de mais de 29 anos, tendo cumprido, assim, o mais longo período presidencial, o qual foi pontilhado de marcantes empreendimentos em todos os seus setores — a História, a Geografia e a Antropologia. Pompeu Sobrinho planejou, sob os auspícios do Instituto, a Grande História do Ceará, que, ilustrado já com vários tomos de sua autoria e com outros de colegas nossos, aí está a desafiar-nos com temas de nossas especializações. Pompeu Sobrinho é natural de Fortaleza, onde nasceu em 16 de novembro de 1880, tendo, portanto seis anos na época de sua fundação. Ingressou, no Instituto, em 20 de setembro de 1928, aos 47 anos de idade, nele permanecendo quase 40 anos, dos quais, como já frisamos, 20 na presidência. Formado em Engenharia, Pompeu Sobrinho foi diretor do DNOCS, Secretário da Agricultura, professor da Escola de Agronomia e do Instituto de Antropologia; tem um curriculo, enfim, que nada fica a dever ao dos seus ilustres antecessores. Eusébio de Sousa, no seu grandioso trabalho já mencionado, escrito em 1935, em comemoração ao cinqüentenário do Instituto, enumera 72 trabalhos do provecto engenheiro, os quais foram opulentos com as obras escritas posteriormente, como "Pré-História," "Proto-História do Ceará" e "História das Secas", para mencionar, na oportunidade, apenas as constantes do seu portentoso projeto. No número das anteriores, alinham-se: "Etimologia de Algumas Palavras Indígenas", "Esboço Fisiográfico do Ceará", "A Construção do Orós", "Mapa do Estado do Ceará", "Significação de Algumas Palavras Indígenas", "O Homem do Nordeste". Na sua gestão, houve a reforma dos estatutos, com a ampliação do número de sócios, quando tive a honra de ser recebido no Instituto, na sessão de 20 de agosto de 1957, já lá se vão quase 20 anos, numa sessão a que ele presidiu, na sede da avenida Visconde do Cauípe.

O General Dr. Carlos Studart é o 5o. e último presidente efetivo do Instituto, a cuja frente se encontra desde a eleição de 4 de março de 1968, depois de longa folha de serviços, só rivalizada, até agora, por seu ilustrado antecessor familiar. Com a morte do presidente perpétuo Pompeu Sobrinho, de que era Secretário Geral perpétuo, não lhe foi confiada imediatamente a presidência, em virtude de seu preenchimento, por proposta aprovada de um dos sócios, ter sido feito em carater interino pelo Vice-Presidente Dr. Renato Braga, até a realização da eleição em março seguinte. Nessa ocasião foi guindado ao posto máximo, que vem ocupando com muita proficiência desde então, sendo depois eleito presidente perpétuo graças a amplo movimento promovido por seus companheiros e amigos do Instituto, um dos quais o Exmo. Sr. Juiz Togado, Dr. Osmundo Pontes, presidente do TRT da 7a. Região, teve seu artigo lido em sessão pelo autor desta pesquisa. Ao assumir a presidência, o General Dr. Carlos Studart Filho pronunciou as seguintes palavras, constantes da ata, que merecem aqui ser reproduzidas: "Assumindo a presidência do Instituto do Ceará, cargo para o qual fui eleito por dois anos, quero, desde logo, agradecer a meus ilustres consócios mais esta honraria que houveram por bem conceder-me.

Toda vez que, em virtude de circunstâncias fortuitas, tendo sido chamado a dirigir os trabalhos desta Casa, expressei sempre, com a maior sinceridade, o meu espanto e o meu constrangimento em ter de presidir uma assembléia de tão altos valores mentais, como são os que, habitualmente, aqui se reúnem.

Assim, senhores, bem podeis perceber o meu estado d'alma, as variadas emoções que me empolgam, ao encontrar-me, pela primeira vez, na presidência efetiva do Instituto, mormente quando bem avalio as razões predominantes sentimentais que determinaram a minha eleição.

Não sou, na verdade, nenhum vulto exponencial das nossas letras, nem ocupo, à maneira de todos vós, egrégios consócios, posição de relevância na sociedade cearense. Considero-me apenas um estudioso das cousas do passado e um grande e dedicado amigo da associação ilustre a que pertencemos. Assim tenho por certo que o amor e o devotamento, com que procuro servi-la foram as causas que ditaram a preferência pelo meu nome. Desse modo compreendendo, prometo esforçar-me para que o Insti-

tuto continue a manter a posição destacada que sempre tem ocupado no meio cultural cearense. Tudo farei ainda para que reine, entre nossos consócios,o espírito de cooperação, e a cordialidade e o mútuo respeito que têm sido das mais fortes e louváveis características do Instituto do Ceará." Sua bagagem literária — é das mais alentadas e já alcança a cerca de duas centenas de trabalho, particularmente versando sobre História e Antropologia, das quais destacamos:

"Os Aborígines do Ceará", "O Antigo Estado do Maranhão e Suas Capitanias Feudais", "Antônio de Sampaio", "Capitania do Piauí", "Estudos de História Seiscentista", "Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão e Grão-Pará", "História do Ceará Holandês", "Instituto do Ceará", "Notas para a História das Fortificações do Ceará", "Páginas de História e Pré-História", "A Revolução de 1817 no Ceará", "O uso de Metais na América Pré-Histórica", "A Antiga História do Brasil", "Antiguidades Indígenas do Ceará", "A Bandeira de Pero Coelho", "Dados para uma História Eclesiástica do Ceará", Temas Obsoletos", "Poluição Mental" etc.

Ocupando-se dos militares do Instituto, seu ilustre colega de farda Gen. Raimundo Teles Pinheiro traçou o seguinte escorço biográfico do General Carlos Studart Filho, se nos permitimos transcrever:

Fez os seus estudos, sucessivamente, no Ginásio Amazonense, em Manaus; Colégio S. José, em Quixadá; Faculdade de Filosofia e Letras, da Academia de Altos Estudos do Rio; e no Colégio Aukentaller de Ouch, Lausanne, na Suiça, formando-se médico pela Faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1918.

Ingressou, mediante concurso, no corpo de Saúde do Exército, no qual serviu nas Formações Sanitárias de Corpos de Tropa e Colégio Militar, de Tenente a Capitão; foi incluído no Quadro do Magistério Militar no posto de Maj. R 1 e foi reformado nesse Quadro no posto de Gen. Div. Professor, com mais de 37 anos de serviço, havendo exercido as funções de catedrático de História e Geografia dos Colégios Militares de Fortaleza, do Rio e EPF. Exerceu inúmeras comissões no Exército, inclusive a de Comandante interino da EPF, e fora dele, onde exerce ainda funções de relevo; é portanto portador de várias medalhas e condecorações meritórias, inclusive a da Abolição, e a do Mérito Cultural da UFC."
(Correio do Ceará, 3 de março de 1977)